

Jornal da Tarde

21/5/1985

Trabalho

BÓIAS-FRIAS: A NOVA GREVE

Pazzianotto não pôde evitar mais uma greve em São Paulo

Foram quase 11 horas de negociação, mas a proposta feita ontem pela Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (Faesp) foi considerada indefensável pelos representantes dos cortadores de cana. A reunião na Delegacia Regional do Trabalho foi presidida pelo ministro Almir Pazzianotto.

Apesar de algum avanço na parte econômica, como a concessão de uma antecipação de 50% do INPC em agosto, não houve acordo quanto ao controle de produção para efeito de pagamento. A Faesp não aceita a conversão do sistema de tonelagem, usado atualmente, para metro linear, como pretendem os trabalhadores. E isto pode ser o motivo principal para a decretação da greve por cerca de 400 mil bóias-frias.

A Faesp reafirmou sua disposição de pagar Cr\$ 18 mil como diária mínima para as usinas de álcool e empresas agropecuárias, e Cr\$ 16.825 para os pequenos e médios fornecedores. A tonelagem de cana colhida continuou entre Cr\$ 4.960 e Cr\$ 5.200, dependendo do tipo. Estes valores são os mesmos apresentados na semana passada e estão longe de atender às reivindicações dos cortadores de cana.

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp) pretendia o pagamento de diárias entre Cr\$ 35 mil e Cr\$ 37.500, dependendo do tamanho das empresas. A produção — calculada em metro linear — ficaria entre Cr\$ 6.800 e Cr\$ 8 mil por tonelada. A proposta da Faesp de conceder, em agosto, uma antecipação de 50% do INPC do trimestre, sobre diária e tonelada, atende, de certa forma, a reivindicação de trimestralidade. Mas foi considerada insuficiente para impedir a decretação da greve.

O impasse

O ponto principal do impasse continua sendo o controle da produção. Os usineiros propuseram um sistema misto. Os trabalhadores fariam o corte de parte de um talhão de cana, suficiente para carregar um caminhão, determinando assim quantos metros lineares foram colhidos. A carga do caminhão seria, então, pesada, e se tornaria possível estabelecer uma conversão entre metros e tonelagem para cada talhão com o mesmo tipo de cana. Essa operação seria realizada nas primeiras horas da manhã, possibilitando ao trabalhador saber ao final do dia qual a sua produção efetiva. Mas Vitor Jorge Fanta, diretor da Fetaesp, e secretário-geral do Sindicato de Araras, disse que, na prática, esse sistema rífl funciona. Enfatizando que não houve avanço no pagamento das diárias e tonelagens, qualificou a proposta de indefensável.

A estabilidade para as comissões dos trabalhadores não foi conseguida e o contrato anual, que evitaria o desemprego na entressafra, também não foi aceito pela Faesp. Werther Anichinno, superintendente da Copersucar e membro da comissão da Faesp, disse que as empresas chegaram ao limite do que poderiam oferecer, argumentando que qualquer proposta é defensável, dependem do da maneira como é apresentada.

O ministro Almir Pazzianotto propôs a formação de uma comissão tríplice, com representantes dos empregados, empregadores e Ministério do Trabalho, para fiscalizar a aplicação do acordo. Uma avaliação seria feita em 60 dias por essa comissão. Em caso de descumprimento, as usinas seriam obrigadas a pagar uma multa de 20% do salário-referência. Para os

pequenos e médios fornecedores, ligados à Faesp, a multa seria de 10%. Mas o acordo não foi firmado depois de 51 dias de negociação.

Em greve

Os bóias-frias se reuniram ontem à noite em assembleia geral em várias cidades da região de Ribeirão Preto. Pelo menos nas assembleias de Sertãozinho, Barrinha, Serrana, Pitangueiras e Batatais, que somam mais de 40 mil bóias-frias, foi decidido que os trabalhadores estarão em greve a partir da madrugada de hoje.

Os bóias-frias lamentaram que o ponto central de suas reivindicações, ou seja, a remuneração do corte da cana aferida por metro, não tenha sido atendida pela Faesp.

(Página 9)